

## Da necessidade de ser multidão

NAIR LACERDA  
Colaboradora

**N**ão sei como os psicólogos, os psiquiatras, os analistas, todos aqueles, enfim, que estudam as intenções claras ou confusas da mente humana, as dúvidas e as certezas do espírito humano, as aspirações e as frustrações do sentimento humano, classificam o vezo atual, em todos os quadrantes do mundo, de saírem para as ruas grandes grupos de cidadãos, de todos os feitios e de todas as idades, portando cartazes e faixas, gritando “palavras de ordem”, protestando contra tudo e contra todos, e, em certos casos, recorrendo à argumentação contundente de pedrada, do quebra-quebra, argumentação provocadora, aliás, da reação tantas vezes até brutal dos incumbidos de manter a “ordem pública”.

O interessante, para o observador desapaixonado, é que, pelo menos nesse nosso festivo País, toda aquela gente não parece, absolutamente, desesperada, aflita, sofredora. Ao contrário, há quem dance, cante, gargalhe, caia na batucada, como se tudo aquilo fosse muitíssimo divertido. Na verdade, só em termos de multidão, maior ou menor que seja, esses movimentos poderiam ser realizados. Cada um dos seus componentes jamais, isoladamente, pensaria em correr pelas ruas carregando seu cartaz e gritando sua

“palavra de ordem”, atirando pedras quebrando ônibus, incendiando composições ferroviárias, e até, às vezes, saqueando supermercados e lojas, na desatinada complementação do seu protesto. É indispensável, para isso, haver a multidão, que encoraja, dilui responsabilidades, incita aos excessos.

Que há muita coisa a gerar protestos, há. Poderíamos levar horas a dizer a ladainha que eles provocam e cada um de nós teria sua razão para fazer isso. Mas fico pensando: não é esta a época da soberania dos sindicatos de todas as categorias, dando a todos os que dependem de salários, tantas vezes injustos, ou de aposentadorias, tantas vezes mesquinhas, uma forma natural de conduzir a quem de direito as suas reivindicações? Não tem toda a gente, ou quase toda a gente, quem esteja revestido do direito legal de protestar em seu nome? Frente a frente, sem faixas nem cartazes, sem “palavras de ordem” e sem batucada? Nas greves — direito ineludível do trabalhador — será preciso, realmente, que se formem os antipáticos piquetes, que apenas revelam não haver unanimidade de opinião entre os grevistas? Tem propósito envolver regiões inteiras na obstrução de estradas, sem respeito pelos transtornos, muitas vezes graves, que isso traz aos que, para o seu trabalho, dependem exatamente do livre trânsito, desse ir e vir que a

Constituição garante a todos os cidadãos, e tudo isso por causa dos protestos de alguns?

É a multidão que se deixa arrastar. Infelizmente nem sempre pelos que desejam, como é natural, tornar conhecidas as suas razões, mas pelos que alguma vantagem esperam tirar desses protestos. E o notável é verificar de quanto tempo ocioso dispõem as pessoas que podem se dedicar tantas vezes ao clamor e às passeatas.

Jornalistas e escritores também protestam. À sua moda usando a palavra, sua ferramenta de trabalho. Na história do mundo, muito mais importante do que tantos outros e traumatizantes recursos, tem estado a palavra, que ainda é a forma de expressão mais eficiente e mais civilizada. Dada, porém, a imensa proporção de analfabetos e semi-analfabetos que deixamos florescer neste país, talvez a palavra seja impotente para os que não a reconhecem escrita. Esses, só a usam para repetir, em impressionante aceitação, as que lhes mandam gritar pelas ruas.

Solidariedade sim, nas reivindicações de todos os injustiçados. Anátema, sim, para todos os que promovem e mantêm a injustiça. Mas aprovar os desmandos das multidões — porque nessas manifestações existem sempre os grupos que se desmandam — é levar longe demais essa natural solidariedade.